

Exportadores otimistas com conversão da dívida externa

LÚCIO SANTOS

Se o Brasil conseguir converter US\$ 5 bilhões (CZ\$ 223,4 bilhões) de sua dívida externa em investimentos para a modernização do seu parque industrial, em dois anos o País poderá estar exportando US\$ 40 bilhões (CZ\$ 1,8 trilhão) por ano, contra o patamar atual de US\$ 25 bilhões (CZ\$ 1,1 trilhão) anuais. Esta seria, segundo o Presidente da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (Abece), Paulo Protásio, a forma mais barata do Brasil conseguir alavancar suas exportações, de modo a obter um superávit anual de US\$ 15 bilhões (CZ\$ 670,3 bilhões) em sua balança comercial, mais do que suficiente para honrar os encargos da dívida externa.

Além disso, Protásio disse que esse novo patamar de exportações possibilitaria ao País ampliar suas importações dos atuais US\$ 15 bilhões (CZ\$ 670,3 bilhões) para algo em torno de US\$ 25 bilhões (CZ\$ 1,1 trilhão), favorecendo o desenvolvimento interno e, mais que isso, evitando os atuais controles na importação de máquinas e equipamentos, que servem apenas para atrasar o desenvolvimento da indústria brasileira.

Para o Presidente da Abece, a maneira mais rápida de se atingir essa meta será através da criação das Zonas Especiais de Exportação, que por enquanto é apenas uma itenção do Governo. Ele disse que zonas como essas foram responsáveis pelo crescimento do comércio exterior de países como Coréia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong-Kong e atualmente estão sendo adotadas também na América do Sul.

Protásio citou o exemplo da Colômbia, que criou zonas especiais em Cartagena e Santa Marta, no litoral atlântico, e está criando agora outras zonas nas cidades de Pizarro, Buena Ventura e Mosqueira, na costa voltada para o Pacífico. Para o Brasil, ele

sugere a criação de pelo menos cinco zonas, entre as quais uma para produtos de alta tecnologia no Rio de Janeiro, outra para produtos agroindustriais e têxteis no Nordeste e outra ainda para produtos siderúrgicos na área do Projeto Carajás, na Região Norte.

Com o crescimento das exportações para US\$ 40 bilhões (CZ\$ 1,8 trilhão) anuais, Protásio disse que o controle excessivo das importações e a tão falada dicotomia entre mercado externo e interno deixarão de existir. Ele lembrou que cada US\$ 1 bilhão (CZ\$ 44,7 bilhões) exportado pelo Brasil representa 70 mil empregos. Além disso, o novo patamar seria uma espécie de vacina contra os surtos domésticos de demanda, como o ocorrido no ano passado.

— A indústria nacional está voltada quase que exclusivamente para o mercado interno e por conta disso muito pouco investimento foi feito para a sua modernização — afirmou Protásio.

Para ser mais exato, o Presidente da Abece disse que nos últimos cinco anos apenas dois setores industriais fizeram investimentos significativos: as áreas de metal-mecânica e, principalmente, de papel e celulose, capitaneada pela expansão da Aracruz Celulose.

Mas foi justamente nesses últimos cinco anos que o resto do mundo mais se modernizou. Isso significa, segundo Paulo Protásio, que o Brasil em breve estará perdendo sua competitividade no mercado internacional, correndo o risco de tornar-se apenas um fornecedor marginal. Isso já está começando a ocorrer na área têxtil, disse ele. Por isso, acrescentou, a prioridade agora tem de ser a modernização do parque industrial brasileiro. Paralelamente a isso, Protásio acredita que deveria haver também uma valorização da área de comercialização externa.

12 JUL 1987